

# Representação mental e cognição:

uma abordagem freudiana

Carmen Beatriz Milidoni

**Como citar:** MILIDONI, C. B. Representação mental e cognição: uma abordagem freudiana. *In:* GONZALES, M. E. Q. *et al.* (org.). **Encontro com as ciências cognitivas**. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, 1997. p. 221-226 DOI: <https://doi.org/10.36311/1997.978-85-60810-30-7.p221-226>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## REPRESENTAÇÃO MENTAL E COGNIÇÃO: UMA ABORDAGEM FREUDIANA

Carmen Beatriz MILIDONI<sup>1</sup>

Abordaremos aqui as relações entre representação mental e cognição à luz de certas teses desenvolvidas por Freud no seu texto de 1895 *Projeto para uma psicologia científica* (ou *Projeto*, como diremos abreviadamente). Nessa obra, de publicação póstuma (1950), Freud construíra um modelo neurológico da mente, de teor especulativo, chamado sistema “ $\phi \psi \omega$ ”, onde cada letra grega designava um sub-sistema (ou sistema) associado a determinada função psíquica. Assim, as funções da sensação, da memória e da percepção-consciência seriam próprias dos sistemas “ $\phi$ ”, “ $\psi$ ”, “ $\omega$ ”, respectivamente. Tal sistema também fora chamado por Freud de *aparelho*, realçando-se, através desta denominação, o aspecto funcional do mesmo. Pelo interior do dito aparelho circulava uma certa quantidade (ou “Q”), que era da ordem da excitação neuronal; tratava-se, com efeito, de um certo *quantum* de energia nervosa irradiando pelos neurônios, ora *investindo* esses neurônios, ora *desinvestindo* os mesmos. No sub-sistema de neurônios “ $\psi$ ”, ou sistema mnemônico, ficava registrada toda estimulação procedente de fora do sistema como um todo e tudo o que se processava no sistema. Assim, as sensações que iriam afetar o aparelho via a estimulação externa recebida por “ $\phi$ ” (e que se tornariam percepções conscientes via “ $\omega$ ”, sistema esse que só é atingido por quantidades mínimas, o que é pré-condição da irrupção da consciência e do *qualitativo* que lhe é associado), ficavam registradas na forma de representações ou *traços* (*Spuren*) de memória desprovidos de qualquer qualidade, em uma parte de “ $\psi$ ” chamada “ $\psi$  do pallium”. Todavia, quando esses traços eram ativados de maneira a evocar conteúdos representacionais, o modelo admitia também, na esteira da intencionalidade brentiana, o estatuto de *imagens* (*Bilder*) para as representações em questão.

Também em “ $\psi$  do pallium” seria registrada toda a estimulação

---

<sup>1</sup> Departamento de Filosofia - Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP - 17525-900 - Marília - SP.

procedente do interior do corpo; neste caso, teríamos uma via direta por onde ascenderiam as quantidades de excitação endógena. Tais quantidades acumular-se-iam em outra parte de “ $\Psi$ ”, mais próxima do interior do corpo, chamada “ $\Psi$  do núcleo”, dando origem às grandes necessidades (fome, respiração, sexualidade) e erigindo-se em um fator de pressão (posto que aquilo que as ditas quantidades procuravam era a descarga, visando à satisfação dessas necessidades). A atividade psíquica seria, em sua totalidade, *impulsionada* pela estimulação endógena. Pelo fato de ser “ $\Psi$ ” o sub-sistema que registra notícias (*Nachrichten*) de tudo o que acontece (ou de ser o sistema da memória) os seus neurônios foram vistos por Freud enquanto portadores de um estatuto especial: eles seriam, com grande probabilidade, “os veículos dos processos psíquicos em geral”.

A atividade do aparelho em seu conjunto era regida por um princípio máximo, o *princípio de constância*, isto é, pela *tendência*, presente no aparelho, a manter um nível mínimo da “ $Q$ ” em funcionamento ou, pelo menos, a mantê-lo constante. A tal princípio subordinava-se um outro, o *princípio de prazer*, que regulava diretamente o curso da vida anímica. Visto como uma *tendência a evitar o desprazer*, ficava operacionalizado como um mecanismo de regulação automática, de tal forma que a emergência de uma sensação de desprazer iria funcionar no aparelho como um sinal para o mesmo ativar uma espécie de fuga ou retirada de quantidades com relação à sensação desprazerosa. Isto porque a sensação de desprazer era sentida quando o nível das quantidades em jogo era alto, correspondendo a sensação de prazer a um rebaixamento desse nível.

Um elemento chave para assegurar o funcionamento do aparelho conforme as tendências ou princípios assinalados (um funcionamento, por outro lado, que seria estritamente maquinal se o máximo princípio não fosse, no fundo, tão só uma tendência de cunho finalístico que rege o movimento de quantidades que nunca são medidas) é aquilo que ficou conceituado como o *eu*, e que aqui é visto como uma especial *organização* ou *complexo de neurônios* que faz parte de “ $\Psi$ ”, mas que destaca-se do resto dos neurônios “ $\Psi$ ” pelo alto nível da quantidade que o investe. O *eu* é assim uma formação particular no interior do sistema mnemônico, formação essa fortemente investida, e por onde a energia neuronal circula com facilidade. A *função* principal desse *eu* é a de refrear ou inibir os chamados *processos psíquicos primários*, isto é, aqueles processos que ocorrem em “ $\Psi$ ” e que se caracterizam por uma passagem desinibida de quantidades entre os neurônios, seja fugindo atropeladamente de uma representação que suscitou desprazer, seja investindo, até o ponto da alucinação (como ocorre nos sonhos), a imagem mnêmica de um objeto de

desejo. A inibição exercida pelo *eu* terá como resultado uma *versão atenuada* dos *processos psíquicos primários*, quais sejam, os *processos psíquicos secundários* ou *processos de pensamento*.

Freud caracterizará em geral um processo de pensamento como um processo em que se estabelece uma identidade entre uma percepção procedente do mundo externo, via “ $\phi$ ”, e uma representação de um certo tipo, emergente de “ $\psi$ ”. No caso do pensamento chamado *prático* – biologicamente o primeiro – trata-se de obter uma identidade entre uma representação de desejo – e aqui é dada como modelo a representação, por parte de um infante, do aleitamento materno e da satisfação concomitante, representação essa associada a uma vivência prazerosa – e uma percepção oriunda de fora – no caso, a percepção de peito materno, com o mamilo visto de frente, próximo à boca da criança.

A busca vagarosa da correspondência entre a representação de desejo que se encontra investida e a percepção vinda do mundo externo rematará, com grande probabilidade, na indicação de que o estado de coisas desejado é real, indicação essa que é suministrada pelo chamado *signal de qualidade ou de realidade*. Trata-se de um sinal que é oferecido pela notícia da descarga quantitativa do neurônio perceptivo envolvido – um certo neurônio do sistema “ $\omega$ ” – notícia essa que chega até o sistema “ $\psi$ ”. Este processo de pensamento garantiria a satisfação procurada, isto é, ele impediria a alucinação do objeto de desejo, com a subsequente produção de desprazer, dado que não haveria ali satisfação e impediria também, conseqüentemente, um excessivo gasto quantitativo que, no limite, levaria o *aparelho* à exaustão. Inibindo, assim, a ocorrência dos *processos psíquicos primários* (ou permitindo sua ocorrência em condições que não acarretem conseqüências nocivas – como é o caso, em certas circunstâncias, dos atos falhos, que traem a marca dos processos psíquicos primários) o *eu* possibilitará que o aparelho se guie, ao nível do pensamento prático, por aquele que é seu princípio reitor, qual seja, o *princípio de constância*, e também que o *princípio de prazer* esteja a serviço desse *princípio de constância*.

Mas o exercício da mentada inibição – que é um expediente quantitativo-mecânico-vai requerer, como pré-condição, a observância por parte de “ $\psi$ ” (ou do *eu*) de certas regras chamadas *biológicas*. Elas são duas: a primeira, a regra biológica da *defesa*, que prescreve o não-investimento de representações que envolvam uma ameaça de desprazer, investimento esse que poderia colocar em risco a ordem vital, posto que a fuga do desprazer implicaria num excessivo gasto quantitativo; e a segunda, a regra biológica da *atenção*,

que prescreve o super-investimento daquelas percepções que vão acompanhadas de um sinal de realidade, situação essa que, se satisfeita, marca o começo de qualquer processo de pensamento. É óbvio, ademais, que esta última regra visa impedir a ocorrência de uma alucinação, assegurando a correção do pensamento, pelo menos a um certo nível. As regras em questão seriam *cristalizações* dos resultados do aprendizado biológico de contenção de quantidades efetuado por “ $\Psi$ ” no curso do seu desenvolvimento. Neste processo de aprendizado o desprazer seria o *mestre*. A este respeito, diz Freud: “o desprazer continua sendo o único meio de educação”. Vemos assim que o desprazer é enxergado também de uma outra ótica, não apenas como um fator quantitativo que fornece um sinal de alarme para o ego fugir de uma alta tensão, mas também como um *educador* num processo de aprendizado biológico.

Para entender melhor estas colocações, será preciso descrever mais detalhadamente as condições quantitativo-mecânicas que deverão ser satisfeitas pelo *eu*, enquanto ocorre paralelamente o aprendizado de contenção de quantidades.

Na parte III do *Projeto*, destinada sobretudo ao tratamento dos processos de pensamento (ou *processos psíquicos secundários*), o *eu* será caracterizado a partir do conceito de *ligação* (*Bindung*). O estado de *ligação* é um estado da Q em “ $\Psi$ ” que combina um alto nível de investimento com uma leve corrente de deslocamento (de quantidades). A tal estado opor-se-á o estado *não-ligado* (ou livre) da Q, o qual é próprio de processos com descarga desinibida, ou *processos psíquicos primários* (que fazem sentir sua presença nos sonhos, atos falhos, chistes, e também nas neuroses). Assim, à luz do conceito de *ligação*, o *eu* será concebido como um complexo de neurônios que seguram sua Q de investimento, que estão em estado de ligação. O que permitirá que todo *trabalho de pensamento* se efetue mediante o deslocamento, a título de ensaio, de pequenas quantidades por todas as vias neuronais possíveis.

Freud separará em duas grandes categorias as espécies de pensamento. Temos, por um lado, como já vimos, o *pensamento prático*, que visa uma situação de identidade entre uma representação de desejo e uma percepção do objeto desejado. Este tipo de pensamento estaria imediatamente a serviço dos interesses vitais e se guiaria estritamente pelo *princípio de prazer*, mediante a observância das regras biológicas. A outra espécie de pensamento é o *pensamento teórico ou cognitivo*, que visa uma identidade entre uma percepção e uma representação de experiências corporais do sujeito, isto é, uma representação de sensações e de imagens-movimento. Tal pensamento é guiado pelo fim

desinteressado do (re) conhecimento ou discernimento (*Erkennung*) e, de alguma maneira, está além do *princípio de prazer*, posto que ele tem por missão examinar todas as situações (ou vias representativas) possíveis, mesmo aquelas que evoquem sensações desprazerosas. Esta situação de verdadeira exceção encontra sua justificativa à luz daquele que é o derradeiro objetivo do pensamento cognitivo: esgotar o conhecimento do objeto perceptivo. Em todo caso, o estado da *ligação* da Q impedirá uma grande liberação de desprazer e, se essa liberação acontecer, tratar-se-á, sobretudo, de um desprazer *intelectual*, que não irá colocar em risco a ordem vital. Portanto, o pensamento cognitivo pode dispensar a regra biológica da defesa. Tendo-se em conta, ademais, que o pensamento cognitivo não alimenta investimentos de desejo — a não ser o desejo de conhecer, que não teria uma relação direta com a ordem vital — é fácil compreendermos que este tipo de pensamento não deva ser afectado por um desprazer que o impeça de alcançar tais investimentos de desejo, posto que estes não se colocam como um objetivo para o dito pensamento. E mesmo que tais investimentos de desejo se *infiltrassem* no processo de pensamento, o cumprimento da regra biológica da atenção asseguraria a imparcialidade desse pensamento.

Consideremos, finalmente, de maneira algo rápida, as ligações existentes entre o pensamento cognitivo e o pensamento prático, já que o conhecimento de tais ligações faz-se necessário para uma melhor compreensão do pensamento cognitivo.

O pensamento prático é visto como a origem e meta final de todo o pensamento, e embora o pensamento cognitivo só tenha se desenvolvido tardiamente a partir do pensamento prático, ele aparece como uma preparação para esse tipo de pensamento, já que lhe fornece os complexos perceptivos *julgados* ou categorizados, isto é, compreendidos a partir da remissão dos atributos dos objetos percebidos — em geral, outros seres humanos — a notícias do corpo do próprio sujeito. Em suma: o pensamento cognitivo, que só tem sentido relativamente ao pensamento prático, situa-se em um plano que está além do bio-psicológico — ele está além do princípio de prazer e não precisa da regra biológica da defesa — podendo ser considerado assim um expediente puramente lógico. Nada, portanto, mais *anti-natural*, em termos do *Projeto*, que o pensamento cognitivo.

## Bibliografia

- BRENTANO, F. *Psychologie du point de vue empirique*. Trad. M. Gandillac. Paris: Aubier-Montaigne, 1944.
- FREUD, S. *Entwurf einer Psychologie*. In: *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. London: Imago, 1950.
- \_\_\_\_\_. 1920: *Beyond the pleasure principle*. London: Hogarth Press, 1955. (Standard Edition, 18.)
- \_\_\_\_\_. *Project for a scientific psychology*. London: Hogarth Press, 1966. (Standard Edition, 1).
- GABBI, JÚNIOR., O. F. Projeto para uma psicologia científica: máquina falante ou fala maquinal? *Discurso*. Revista do Departamento de Filosofia da FFLCH da USP (São Paulo), n. 16, 1987.
- LACAN, J. *Le séminaire – Livre II: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1987.
- LAPLANCHE, J. *Vie et mort en psychanalyse*. Suivi de “Derivation des entités psychanalytiques”. Paris: Flammarion, 1970.
- MILIDONI, C. B. *Heurística freudiana no “Projeto para uma teoria científica”*. Campinas, 1993. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. Algumas considerações sobre o estatuto do psicólogo no ‘Projeto’ freudiano. *Trans/Form/Ação*. Revista da Filosofia da UNESP (São Paulo), v. 17, p. 151-66, 1994.
- PRIBRAM, K. , GILL, M. *O Projeto de Freud: um exame crítico*. Trad. Á. Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.